



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ENILVAN DE JESUS COSTA DA SILVA

**DO GÊNERO TEXTUAL CONTO À REALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Uma análise sociolinguística, identitária e discursiva do conto “*nóis
mudemo*” de Fidêncio Bogo**

Abaetetuba – PA

2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

DO GÊNERO TEXTUAL CONTO À REALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Uma análise sociolinguística, identitária e discursiva do conto “*nóis*
***mudemo*” de Fidêncio Bogo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação e Letras, habilitação em Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências da Linguagem, Campus Universitário de Abaetetuba, Universidade Federal do Pará, como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Letras Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira.

Coorientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

Abaetetuba – PA

2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S586g Silva, Enilvan de Jesus Costa da.
Do gênero textual conto à realidade do ensino de língua portuguesa: : uma análise sociolinguística, identitária e discursiva do conto “nóis mudemo” de Fidêncio B / Enilvan de Jesus Costa da Silva. — 2025.
22 f.

Orientador(a): Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira
Coorientação: Prof^ª. Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa

Trabalho de Conclusão (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, Curso de Língua Portuguesa, Abaetetuba, 2025.

1. Linguagem. 2. Sociolinguística. 3. . Identidade. Discurso. 4. Ensino/aprendizagem. I. Título.

ENILVAN DE JESUS COSTA DA SILVA
**DO GÊNERO TEXTUAL CONTO À REALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA: Uma análise sociolinguística, identitária e discursiva do conto “nóis
mudemo” de Fidêncio Bogo**

Trabalho de conclusão apresentado a Faculdade da Ciência da Linguagem, do Campus Universitário de Abaetetuba, da Universidade Federal do Pará, como requisito de obtenção do título de Licenciatura em Língua Portuguesa.

Data da aprovação: 15/09/2025

Conceito: Excelente

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Antônio Bruno Cavalcante Ferreira - UFPA

Coorientadora

Profª Drª. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa - UFPA

Examinador

Prof. Dr. Robson Borges Rua - UFPA

Abaetetuba- Pará

09/2025

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. REFERENCIAL TEÓRICO: Uma visão geral.....	07
2.1. Gênero textuais: histórico e características do gênero conto.....	08
3. METODOLOGIA.....	09
4. O CONTO NÓIS MUDEMO DE FIDÊNCIO BOGO: primeira reflexão.....	10
5. NÓIS MUDEMO: Uma análise sociolinguística, identitária e cultural.....	12
5.1. O DISCURSO EM NÓIS MUDEMO: Uma análise sócio educacional.....	16
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

DO GÊNERO TEXTUAL CONTO À REALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: Uma análise sociolinguística, identitária e discursiva do conto “*nóis mudemo*” de Fidêncio Bogo

Enilvan de Jesus Costa da Silva¹

Antônio Bruno Cavalcante Ferreira²

Resumo:

O presente trabalho apresenta uma análise do conto *nóis mudemo*, de Fidêncio Bogo, embarcado nos conhecimentos sociolinguístico, identitários e discursivos caracterizados em seu contexto. Busca também destacar uma visão renovada de como ensinar língua portuguesa brasileira nas escolas, demonstrando um novo processo de ensino/aprendizagem desta disciplina, com a valorização das características do alunado, os quais trazem consigo tais marcas de registro social e acabam desembocando dentro do espaço escolar. Objetiva-se reconhecer as particularidades do aluno e partindo desse ponto, propor abordagens significativas na aquisição dos conhecimento em língua portuguesa em sala de aula. Usa-se como metodologia neste estudo uma revisão bibliográfica, com abordagem analítico discursiva, traçando uma estratégia de interrelações entre a linguagem, identidade e discurso. Sendo assim, buscou-se discutir com Bagno, Hall e Ramalho & Resende para esta análise. Nesta perspectiva, investiga-se as variações dialectais, as particularidades de fala, a identidade social e a força que o discurso no conto demonstra. Sendo assim, este trabalho irá externar o que não deve ocorrer dentro das aulas de língua portuguesa brasileira e auxiliar o educador na busca de novas metodologias para transformar, de forma positiva, seu alunado.

Palavras-chaves: Linguagem. Sociolinguística. Identidade. Discurso. Ensino/aprendizagem.

Abstract:

This paper presents an analysis of the short story "nóis mudemo" (we change), by Fidêncio Bogo, based on the sociolinguistic, identity-based, and discursive knowledge characterized by its context. It also seeks to highlight a renewed vision of how to teach Brazilian Portuguese in schools, demonstrating a new teaching/learning process for this discipline, valuing the characteristics of the students, who carry with them such social markers and ultimately end up within the school environment. The aim is to recognize the particularities of the student and, from this perspective, propose meaningful approaches to the acquisition of Portuguese language knowledge in the classroom. This study uses a literature review as its methodology, with a discursive analytical approach, outlining a strategy for interrelations between language, identity, and discourse. Therefore, we sought to discuss Bagno, Hall, and Ramalho & Resende for this analysis. From this perspective, we investigate dialectal variations, speech particularities, social identity, and the power demonstrated by discourse in the short story. Therefore, this work will highlight what should not occur in Brazilian Portuguese classes and help educators in their search for new methodologies to positively transform their students.

Keywords: Language. Sociolinguistics. Identity. Discourse. Teaching/learning.

¹ Discente do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará / Campus de Abaetetuba. enilvancostasilva@gmail.com

² Professor Dr. da Universidade Federal do Pará / Campus de Abaetetuba. cavalcante.bruno@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Entender o processo educacional de um aluno e chegar a um ensino/aprendizagem de qualidade é uma tarefa complexa. Para isso, é necessário que o professor busque compreender as raízes deste aluno, dando ênfase para elementos como seus costumes, cultura, e para a sua identidade como ser integrante da sociedade. Além do mais, o educador deve analisar também suas particularidades de fala, o processo comunicacional dentro da comunidade que este participa, as relações sociocomunicativas e suas variações dialektais. Partindo dessas análises, ele poderá ter uma fonte de informações que poderão ser usadas dentro de sua dinâmica nas aulas de língua portuguesa brasileira, facilitando o processo de ensino/aprendizagem desse sujeito.

Em seguida, compreende-se que o ser humano, por viver em sociedade, torna-se, obrigatoriamente, um sujeito social. Caminhando por essa ideia, podemos concluir que ele também faz parte da complexa evolução da sociedade, mesmo que de forma direta ou indireta. Desse modo, o sujeito social usa a linguagem como ferramenta de interação comunicacional, o que facilita a compreensão entre os agentes envolvidos e equilibra as interações comunicacionais.

É a partir desse contexto inicial que emerge a ideia de utilização do gênero textual conto, especificamente o conto *nóis mudemo* do escritor tocantinense Fidêncio Bogo, o qual apresenta uma percepção de como se dão as relações sociais pouco exitosas, infelizmente recorrente nas salas de aulas, em muitos casos, não apenas pela falta de conhecimento da língua falada no território brasileiro, como pela falta de acolhimento das instituições escolares com o sujeito que carrega consigo as variedades de comunicação consideradas mais distantes da norma culta, provocando assim um preconceito com a cultura do outro e, por conseguinte, com sua identitária. Vale lembrar que esse tratamento promove e é, em quase todas as ocasiões, responsável pela desistência do aluno em sua formação acadêmica.

Ressalta-se ainda que a escola deve, ou deveria ser, ser um ambiente multivalente, multifuncional e, por assim dizer, multifamiliar. Essa concepção se justifica porque os conhecimentos resultantes das vivências dos estudantes fazem parte de suas relações familiares, comunitárias e marcam suas identidades enquanto sujeitos pertencente a um lugar. Desta forma, um estudo sociolinguístico, identitário e discursivo do conto de Bogo pode ajudar a compreender a realidade vivida por muitos alunos, principalmente os que vêm das zonas rurais. Assim, é importante analisar suas variações linguísticas, e destacar sua

importância dentro do processo de ensino/aprendizagem para que seja proporcionado um ensino mais dinâmico de língua portuguesa brasileira em sala de aula.

No que tange aos objetivos para a criação deste trabalho, destacamos como objetivo geral a necessidade de analisar as relações sociolinguísticas presente na escrita do conto *nóis mudemo*, como proposta para uma nova abordagem de ensino de língua portuguesa brasileira nas escolas. Como objetivo específico, este trabalho busca demonstrar as concepções de identidades dos sujeitos culturais, relacionando-as com a abordagem de ensino/aprendizagem para que seja possível discutir as relações discursivas que emanam da obra de Bogo.

Partindo do supracitado, quando tratamos de sujeito social (Arroyo, 2014), devemos levar em consideração sua trajetória histórica, marcadas por características próprias, a qual o evidencia como agente integrante da sociedade. É, portanto, através dela que este sujeito (re)transforma o meio social que está inserido, e essas transformações são necessárias para sua permanência e convivência com os demais integrantes do grupo. Enquanto isso, com a linguagem não é diferente, o sujeito cria e recria palavras de acordo com sua necessidade, seja ela pertencente ao universo de todos da mesma língua, ou apenas para seu próprio grupo social, não importando se estão “corretas” ou “erradas”, o importante é fazer-se compreendido pelo outro sujeito da interação comunicacional.

Além do já apresentado, devemos levar em consideração a cultura desse sujeito social, suas relações em comunidade, seus hábitos e costumes que o caracterizam como pertencente ao seu local de origem, seu povo ou região. Essas características são marcas próprias de quem as vive, pois, um sujeito sem cultura é um sujeito sem história, sem memória, um sujeito em conflito com sua existência (Althusser, 1985). Desta forma, o sujeito envolvido no conto *nóis mudemo*, de Fidêncio Bogo, é atravessado por essas características, tais como: sociolinguística, reconhecimento identitário e discursos sociais. Além do mais, o conto ressalta o preconceito linguístico (Bagno, 2015), discriminação pelo modo de falar das pessoas, sem levar em consideração sua origem e, que só dissemina rejeição à própria língua portuguesa brasileira, neste caso, a língua falada.

Assim, este trabalho apresenta-se como uma forma de demonstrar como o conto *nóis mudemo*, de Fidêncio Bogo, coaduna-se com a realidade atual vivida por muitos *Lúcios* em suas trajetórias escolares, as quais são permeadas pelo não acolhimento das múltiplas apresentações do idioma falado no país, também pretende mostrar como esse cenário está atrelado à condução do ensino de língua portuguesa brasileira que muitos professores e

escolas acreditam ser a “mais correta”, e, por esse motivo, até o momento, estão presos às relações gramaticais³. Logo, a presente escrita se justifica pela urgente necessidade de mudança nas salas de aulas de língua portuguesa, para que essas assumam o caráter de ensinar o que acreditamos ser o português brasileiro. Assim, as diversidades dos educandos serão acolhidas e valorizadas de fato, tornando o ensino das linguagens uma estratégia aproximadora, uma vez que acolheriam as identidades culturais do sujeito que, às vezes, ultrapassam os limites familiares e desembocam em seus discursos diários.

2. REFERENCIAL TEÓRICO: Uma visão geral

Para o desenvolvimento deste estudo, utilizou-se como pano de fundo para as discussões o gênero textual conto, especificamente o conto *nóis mudemo*, de Fidêncio Bogo, o qual traz em sua escrita pontos fundamentais para esta análise. Além do mais, para se chegar a um trabalho mais conciso, foram utilizados os conceitos de estudiosos que tratam desta abordagem, entre os quais podemos citar Bagno (2015 e 2022) para estabelecer a relação da presente escrita com a sociolinguística, Hall (2014, 2016 e 2022) para discutir a identidade, Resende e Ramalho (2025), Van Dijk (1996) e Fiorin (2022) para dialogar com a ideia de discurso. O conto abordado para esta análise foi o *Nóis Mudemo*, obra do autor tocantinense Fidêncio Bogo, por meio do qual é utilizada a escrita literária para descrever a realidade de muitos estudantes no contexto de ensino-aprendizagem da língua portuguesa.

O conto aborda a vida de *Lúcio*, um menino residente na zona rural, e, que, ao frequentar a escola, trouxe consigo suas características sociais, principalmente aquelas percebidas na oralidade. O contexto sociocultural do estudante é percebido de imediato por todos quando ele pronuncia o português “de forma equivocada”, segundo o que considera a docente regente da turma de Lúcio. Tal ação resulta numa correção imediata por parte da professora. O gesto da professora, que se deixou levar pelas normas gramaticais, trouxe ao aluno *zombarias, encarnações*, um sofrimento que ele não aguentou e optou por largar a escola. Logo, a obra aborda um pouco da realidade de pessoas, que assim como *Lúcio*, moram em lugares mais longínquos e são vistas de forma marginalizadas ou até mesmo preconceituosas pelas escolas gramaticais, simplesmente pelo seu modo de falar.

³ É importante frisar que o objetivo deste trabalho não é condenar o ensino de gramática e sim a forma como ela é repassada dentro de muitas salas de aulas. Essa utilização incisiva foge ao ensino do português enquanto disciplina que acolhe a diversidade linguística e identitária dos muitos falantes espalhados pelo país, colaborando para uma inferiorização do estudante que a possui.

Partindo dessas concepções, a pesquisa tem como intenção uma investigação sociolinguística, identitária e discursiva do conto de Bogo, para evidenciar como a obra pode nos ajudar a compreender o ensino de língua portuguesa brasileira em sala de aula. Neste sentido, “é necessário conhecer e reconhecer a realidade sociolinguística do público-alvo, para que se possa partir dela em direção à ampliação do repertório linguístico e da competência comunicativa dos aprendizes” (Bagno, 2015. p. 34). Afinal de contas, não é essa a essência do fazer docente da área das linguagens?

Ao analisar o que o autor acima citado expõe, podemos declarar que o professor deve ter em sua consciência que o alunado carrega consigo sua particularidade, com marcas sociais específicas. Entretanto, essas características, que as vezes são evidenciadas nas falas deles, não deixam de fazer parte do português brasileiro, aliás, de acordo com Bagno, esse “é um português de uma classe social diferente da nossa, só isso” (2022, p. 15). Desta forma, podemos destacar que se é português, é linguagem e que também está atrelado à identidade e ao discurso, assim como “nascemos tão preparados para aprender a falar que ninguém precisa nos ensinar: aprendemos sozinhos, apenas pelo ouvir” (Carvalho e Ferrarezi Jr., 2018, p. 13).

Esta literatura, perpassa através de sua escrita, um exemplo de como não se deve fazer nas aulas de língua portuguesa brasileira, evidenciando de forma clara, por meio de sua produção, as variações do falar, dos vários portugueses que existem Brasil a dentro. Assim, diversas pessoas se valem das várias formas de utilização da língua falada para expressar seus desejos e inquietações, sem se preocuparem com normas/padrões ou se estão falando “certo” ou “errado”. Porém, o que aconteceu no conto foi, por parte da professora, uma maior preocupação com a normatização da língua, isto é, com a normatividade gramatical que comumente é repassada como verdade absoluta nos espaços educacionais, deixando de lado todos os outros elementos do processo educacional.

2.1. Gênero textuais: histórico e características do gênero conto

O estudo dos gêneros textuais no Brasil alavancou mais ainda a partir da contribuição dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1998, o qual estabeleceu as diretrizes e teorias sobre o uso da linguagem, do ensino/aprendizagem do indivíduo, ajudando e colaborando com o fazer docente, principalmente no que se refere à adoção de práticas gramaticais reflexivas⁴, usando o texto como base para o ensino das linguagens, aportando-se

⁴ É importante frisar que os PCNs apontam para um uso pragmático do ensino da linguagem, justamente para que os discentes possam enxergar a relação entre o conteúdo estudado e sua efetiva aplicação em sua vida

em seu papel social para o direcionamento das atividades. Sabe-se que os gêneros textuais já existem muitos antes do PCNs, assim como relata Marcuschi (2008, p. 147), “o estudo dos gêneros textuais não é novo e, no Ocidente, já tem pelo menos vinte e cinco séculos, se considerarmos que sua observação sistemática, iniciou-se com Platão”.

Sendo assim, o gênero textual escolhido foi o *conto*, por ter uma característica de texto curto, breve e unívoca, que leva a uma “perspectiva socio-discursiva” (Marcuschi, 2008, p. 72). Além do mais, segundo Moisés (2000, p.40), “o conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente, constitui uma unidade dramática, uma célula dramática, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação”. Desta forma, por ser curto e de rápida leitura, esta literatura pode auxiliar nas aulas de linguagem para melhor compreensão dos processos discursivos nela empregados.

“Não é interessante distinguir rigidamente entre texto e discurso, pois a tendência atual é ver um contínuo entre ambos como uma espécie de condicionamento mútuo” (Marcuschi, 2008, p. 81), isto é, texto e discurso estão entrelaçados segundo o autor, dando mais dinamismo no ensino de linguagem e discursividade nas aulas. Sendo assim,

O conto é um dos gêneros prosaicos mais populares da Literatura. É um gênero de narrativa curta, que pode seduzir os alunos por manter certa semelhança com o “contar histórias”. Sua importância deve-se ao fato de ter uma boa recepção no trabalho em sala de aula, por possibilitar uma maior liberdade de temáticas, dando espaço para que os alunos tragam elementos da vida diária para a produção textual. (Oliveira, 2018. p. 09)

Portanto, percebe-se que a escolha desse gênero, em especial o conto *nóis mudemo*, foi pensada com o objetivo de criar uma reflexão e, além disso, possibilitar um debate em que se possa compreender as peculiaridades envolvidas nas entrelinhas de sua construção, pois “o discurso como objeto do dizer é visto como prática linguística codificada, associada a uma prática social (socioinstitucional) historicamente situada” (Marcuschi, 2008, p. 84).

3. METODOLOGIA

Para atingir a finalidade da proposta, o trabalho fundamentou-se em pesquisa de cunho bibliográfico, onde foi feita uma abordagem analítico/discursivo do objeto em questão, com o intuito de relacionar a temática com os objetivos e aclarar o problema abordado. A pesquisa está fundamentada em diversos autores que dedicaram e dedicam suas vidas a explicar o uso

cotidiana. Quebra-se, dessa forma, a ideia de um ensino descolado da realidade, uma vez que o corpo estudantil passará a interagir com as situações comunicacionais que fazem parte de seu cotidiano também no ambiente escolar, tornando o estudo, antes maçante, em uma relação aproximadora.

da linguagem, da identidade e do discurso, assim como o uso da variação do português brasileiro dentro dos contextos, neste caso, dentro do conto. Destacamos Saussure (2021), Bagno (2001, 2012, 2015, 2022), Oliveira (2010) que discutiram sobre o uso da linguagem; Hall (2014, 2016, 2022), Candau (2023), que debaterão sobre o conceito de identidade; e por fim Resende e Ramalho(2025), Fiorin (2022) Van Dijk (1996), os quais têm trabalhos na análise do discurso. Dessa forma, apresentaremos um estudo com características interdisciplinares, demonstrando o funcionamento da língua dentro da constituição do conto *nóis mudemo*, fazendo um enlace entre as abordagens sociolinguísticas, identitárias e discursividade.

Para chegar nesta produção, usamos como base de análise o gênero textual conto, mais especificamente o conto *nóis mudemo*, de Fidêncio Bogo, uma obra literária de fácil acesso e compreensão, o qual serviu de ponto de partida para as discussões tecidas durante esse exercício de escrita e reflexão. Tal objeto apresentado, coincide com as teorias dos autores aqui apresentados, com a finalidade de comprovar esta análise.

4. O CONTO NÓIS MUDEMO DE FIDÊNCIO BOGO: primeira reflexão

Fidêncio Bogo foi padre, porém largou a batina e se tornou diretor de diversas instituições de ensino. Além do mais, foi poeta, publicou livros, poesias e diversos contos, entre eles o conto *Nóis Mudemo*⁵, o qual será analisado neste trabalho.

O conto em questão conta a história de *Lúcio*, um menino quase rapaz, que ao iniciar as aulas, tinha faltado alguns dias. Quando sua professora o indaga sobre sua ausência, o garoto responde espontaneamente: “*é que nóis mudemo onti, fessora*”. Partindo desse ponto, no qual a professora de imediato lhe corrigiu na frente dos seus colegas de classe, dizendo a forma “correta” de pronunciar a frase, a partir daí tudo mudou em sua vida, *risadinhas*, *xacotas*, *zombaria* e o apelido que fixou nas cabeças dos seus colegas: “*nóis mudemo*”, era assim que o chamavam a partir daquele momento.

Por que você faltou esses dias todos?

- É que nóis mudemo onti, fessora. Nóis veio da fazenda.

Risadinhas da turma.

- Não se diz “nóis mudemo” menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?

- Tá fessora! (Bogo, 2001) (grifos meus)

Aquela correção tão infame, que usou do preconceito linguístico, combatido por Bagno (2015), para corrigi-lo, provocou a desistência de sua formação educacional. Isso fez

⁵ O conto *Nóis mudemo* é parte integrante da obra “O quati e outros contos”, lançado originalmente em 2001.

com que ele retornasse para a sua localidade, trabalhou de sol a sol, foi preso e ao reencontrar a sua professora após vários anos, a qual não o reconheceu pelo nome, somente pelo apelido que destruíra sua vida. Tudo isso por falta de conhecimentos linguísticos de sua própria língua, em que ela ministrava, o desrespeito pela identidade e também pela cultura do outro.

- *O que aconteceu?*

- *Ah! Fessora! É mais fácil dizê o que não aconteceu. Comi o pão que o diabo amasso. E êta diabo bom de padaria! Fui garimpeiro. Fui boia-fria, um “gato” me arrecadou e levou num caminhão pruma fazenda no meio da mata. Lá trabaiei como escravo, passei fome, fui baleado quando conseguir fugi. Peguei tudo quando é doença. Até na cadeia já fui pará. Nós ignorante as veis fais coisa sem querê fazê. **A escola fais uma farta danada. Eu não devia tê saído daquele jeito, fessora, mais não aguentei as gozação da turma.** Eu vi logo que nunca ia consegui falá direito. Ainda hoje não sei.* (Bogo, 2001) (grifos meus)

Após o relato do jovem sobre o que tinha passado naqueles anos anteriores, a professora percebeu o seu grande erro, e somente a partir daí, começou a ter novas visões sobre o ensino de língua portuguesa em sala de aula. Precisou passar por isso para compreender que bastava ter um pouco mais de conhecimento do funcionamento da língua para lidar com situações como essa. “*E os Lúcios da vida, os milhares Lúcios da periferia e do interior, barrados nas salas de aula*”? (Bogo, 2001) reflexão usada pelo autor após o reencontro dos dois, uma lição para professores e professoras que buscam inovar o ensino dentro das escolas gramaticais.

Cabe aqui destacar a relevância dos estudos sociolinguísticos em sala de aula, com isso demonstrar e compreender as variações da língua em uso pelos seus falantes, as diferenças que esta língua apresenta em relação espaço territorial e sua dinâmica no ato da interação social, haja vista que cada sujeito tem suas particularidades de fala, marcas que caracterizam seu pertencimento a algum lugar, especificamente, o da sua comunidade.

O autor busca mostrar nesse conto como se dava, e ainda se dá, o ensino de língua portuguesa brasileira dentro das instituições educacionais, uma falta de percepção de sua evolução, assim como de sua relação comunicacional, pois “a língua muda com o tempo, segue seu curso, transforma-se” (Bago, 2015. p. 143). Desta forma, a efeito de complementação desse debate, a leitura da novela sociolinguística *A língua de Eulália*, onde o autor diz: “a fala de Eulália não é errada: é diferente”, mostra “o português de uma classe social diferente da nossa, só isso” (Bago, 2022, p. 15). Logo, alinhando-nos ao pensamento

de Bogó, podemos concluir que a língua é evolutiva, dinâmica, característica que possibilita o social, cultural e identitário fazerem parte dessa construção infinita que é nosso modo de falar.

5. NÓIS MUDEMO: Uma análise sociolinguística, identitária e cultural

A área que estuda os efeitos do uso da língua nas comunicações que acontecem nas ruas, feiras, recepções, por fim, nas comunicações diárias, deu-se início na Alemanha no século XX, com a publicação do curso de linguística geral de Ferdinand de Saussure, em 1916. Porém, foi somente com a visão de William Labov, por volta de 1960, que a linguagem passou ser analisada de outra forma, principalmente em relação ao seu funcionamento nas interações sociais, que ocorrem também nas conversas transversais à academia. Deste modo, podemos fazer uma breve análise entre o conto de Bogó e a ciência chamada Linguística.

A princípio, vamos entender um pouco do foco de estudo desta ciência da linguagem, sua relação com o objeto de estudo em questão e suas particularidades com o contexto social. Assim, podemos dizer que a “língua é um disco com seus dois lados bem nítidos, o biológico-individual e o cultural-social, mas unidos para sempre” (Bagno, 2014.p 12). Desta forma, a comunicação empregada no conto em análise, de forma espontânea, traz particularidades que devem ser analisadas dentro da concepção sociolinguística e sociocultural, haja vista que, independentemente da forma como foi falada, seu processo comunicacional foi feito com eficácia. Além do mais, essas manifestações da linguagem fazem parte dos contextos em que elas estão inseridas, pois a “língua é contexto. Se a língua está dentro de nós e se a língua é o ambiente social em que circulamos, não pode haver separação entre a linguagem e seu uso, entre quem fala e onde fala”. (Bagno, 2014.p 16).

Abarcado nas palavras supracitadas, podemos entender que a linguagem pode ser compreendida como algo particular de uma sociedade e também pode obedecer às particularidades de cada indivíduo. Neste caso, a linguagem é heterogênea, é produto social, é a “mola propulsora dos atos de comunicação entre pessoas que compõem as instituições sociais e são elas que promovem a interação entre as pessoas[...]” (Da Hora, 2022.p 66). Marcos Bagno (2012), em seu livro *Gramática pedagógica do português brasileiro*, faz uma abordagem nas mudanças linguísticas que ocorrem no contexto social, dizendo:

é possível dizer que a **mudança linguística é um processo social e cognitivo**. Isso significa que delas participam **fatores socioculturais**, decorrentes das dinâmicas de interação dos indivíduos e das populações de uma determinada comunidade, e **fatores sociocognitivos**, derivados do funcionamento do nosso cérebro quando processamos a língua que falamos (e fazemos isso a cada segundo), processamento que implica não só o

indivíduo, como também os demais com quem ele interage. (grifos do autor) (p. 123 e 124).

Partindo da concepção de Bagno (ibidem), e correlacionando-a ao contexto do conto, podemos destacar a falta desse conhecimento por parte da professora, onde cada signo balbuciado pelo personagem criado por Bogo, tem sua significação explicada nos fatores socioculturais e sociocognitivos e que as vezes são tão espontâneos que se tornam despercebidos pelo falante. Oliveira (2010), explana que os brasileiros sabem português, independente se possuem formação acadêmica ou não, isto é, se dominam ou não as regras gramaticais e ainda ressalta que o fator sociocultural é importante no momento da interação comunicacional. O mesmo autor diz que “a língua é um instrumento cultural de interação sociocomunicativa e como todo brasileiro interage socialmente e se comunica com outras pessoas, podemos seguramente concluir que todo brasileiro sabe português” (Oliveira, 2010. p 42), sendo assim, quando o personagem falou, todos entenderam. Porém, o conhecimento estagnado da professora e sua correção de forma equivocada, levou o garoto a romper com sua trajetória educativa. Isso se comprova em:

- *Pai, não vô mais pra escola!*
 - *Oxente! Módi quê?*
Ouvida a história, o pai coçou a cabeça e disse:
 - *Meu fio, num deixa a escola por uma bobagem dessa! Não liga pras gozações da mininada!*
 -*Logo eles esquece.*
Não esqueceram. (Bogo, 2001) (grifos meus)

Para combater essas situações, a escola deve ser um lugar múltiplo, dinâmico, acolhedor e orientador nas variedades linguísticas dos seus alunos, por isso,

Ajudar o estudante a aprender a se comportar linguisticamente em diversas situações de interação social é o objetivo principal das aulas de português, que não deveriam ter como foco principal o ensino da gramática normativa por meio da nomenclatura que a descreve de forma inconsistente. Ensina-se português aos brasileiros para ajudá-los a desenvolver sua competência comunicativa. (Oliveira, 2010. p. 43)

Partindo do exposto acima, pode-se entender que a língua deve ser ensinada para evolução do sujeito na comunicação. Logo, quando se fala em evolução, destaca-se que a língua evoluiu e que sua trajetória não deve ficar presa unicamente nas normativas gramaticais. Contudo, não devemos esquecer que ela é “uma contribuição importante, mas que é preciso ir além dela, avançar, criar conhecimento novo”. (Bagno, 2001. p.10).

Portanto, o processo de ensino da linguagem não pode ficar amarrado somente às normativas, ele vai muito além do que imaginamos. Ensinar língua portuguesa brasileira parte,

primeiramente, de suas variedades, de seu dinamismo sociolinguístico, sociocultural e indo mais um pouco adiante, parte também de um olhar identitário. Cada sujeito é detentor de seus conhecimentos do uso desta língua, que é tão complexa e variada, de todos e de cada um, que a gramática não consegue explicá-la. É, neste sentido que a linguística nos ajuda a entender melhor essas particularidades e a combater o preconceito linguístico.

Além de tudo já apresentado, de acordo com Hall (2022, p. 11) “a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade”. Isto é, a identidade é algo que cada pessoa carrega consigo, faz parte do social de cada um, é uma marca característica de um indivíduo. Mas, assim como a língua, ela é mutável também, transformando-se com a dinâmica da vida, das experiências, dos contatos existentes com outros sujeitos. Assim, interrelaciona-se com a cultura da comunidade de cada um, isso significa que a identidade e a linguagem caminham juntas, sendo partes indissociáveis do sujeito social.

Os valores semânticos/identitários deixados pelo conto nos mostram que aquele garoto que veio da zona rural, estava carregado de características de sua família e de sua comunidade de pertencimento. Ademais, isso nada mais é que sua identidade, a qual é marcada pela “diferença”, por “símbolos”, pelas “associações” e também com marcas “históricas” (Hall, 2014). Além do mais, ela pode ser “descentrada”, “deslocada ou fragmentada” (Hall, 2022), tudo isso depende de cada sujeito e sua relação social com o meio e com os outros sujeitos.

Como já vimos, a identidade é um processo de construção e reconstrução do ser do sujeito social, muda conforme sua necessidade ou suas experiências. Ela também pode ser memória, como retrata Candau (2023), lembranças que fazem parte da vida do indivíduo, assim como foi para *Lúcio*, nosso personagem do conto. A memória foi tão marcante, que ele jamais havia esquecido do que lhe ocorrera, principalmente porque lhe deixou marcas, e por assim dizer, irreparáveis.

-A senhora não se lembra de mim, fessora?

Olhei para ele, dei tratos à bola. Reconstitui num momento meus longos anos de sacerdócio, digo de magistério. Tudo escuro.

-Não me lembro não, moço. Você me conhece? De onde? Foi meu aluno? Como se chama?

Para tantas perguntas, uma resposta lacônica:

-Eu sou “Nóis mudemo”, lembra? (Bogo 2001), (grifos meus)

Deste modo, pode-se dizer que memória e identidade estabelecem relações, e “apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência, reencontrar o nome de uma vítima é retirá-la do esquecimento” (Candau, 2023. p. 68), isso significa reconhecer sua

existência, sua identidade. Esta memória, mencionada por Candau, para o garoto sempre foi ativada, já para a professora, ela foi revivada após ele falar a frase “*nóis mudemo*”, somente a partir daí esta lembrança veia a toma e arrependimento e culpas vieram fazer parte da história: “*Aquela revelação me virou pelo avesso. Foi demais para mim. Descontrolada, comecei a soluçar convulsivamente. Como eu podia ter sido tão burra e má? E abracei o rapaz, o que restava do rapaz que me olhava atarantado*”.(Bogo, 2001). Neste exato momento a professora rememorava, criando uma identidade de culpa, pois para o garoto, isso foi marca identitária a vida toda.

Além da identidade em questão, vale ressaltar que a cultura está intrinsecamente envolvida no contexto, ela é característica do personagem de Bogo, do meio de onde ele veio, que pode ser, linguística, familiar ou comunitária. Desta forma,

Colocando em termos simples, cultura diz respeito a “significados compartilhados”. Ora, a linguagem nada mais é do que o meio privilegiado pelo qual “damos sentidos”às coisas, onde o significado é produzido e intercambiado. Significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum a linguagem. (Hall, 2016, p. 17). (grifos do autor).

Percebe-se que cultura está ligada diretamente a linguagem, que são formas representativas do ser humano, onde eles produzem significados, as vezes essenciais para suas comunicações e assimilações de mundo e isso está diretamente envolvido com o processo de globalização, com as mesclas multiculturais que este processo as rodeiam, mostrando as diferenças culturais que existem entre as pessoas, povos ou nações. Neste caso, faz-se pensar em “pluralidade de experiências culturais” (Candau, 2010. p.53), isto é, várias culturas envolvidas ao mesmo tempo, criando multiplicidade dos conhecimentos. Além do mais, essa combinação de conceitos nos leva a questão do reconhecimento do outro, entender como este outro está enredado em suas relações sociais, culturais e comunicacionais do meio onde ele está inserido. Sendo assim, isso significa que o professor deve ter a compreensão das múltiplas culturas e suas relações com o alunado, levando numa percepção mais eficaz no momento de entender as relações de comunicação dele. Desta forma, Candau (2010, p. 72) contribui nos dizendo:

[...] A cultura é um fenômeno plural, multiforme, heterogêneo, dinâmico. Envolve criação e recriação, é atividade, ação. É considerada também como um sistema de símbolos que fornece as indicações e contornos de grupos sociais e sociedades específicas. Podemos, então, entendê-la como código, como sistema de comunicação [...]

Ao analisar o exposto acima, podemos concluir que identidade, memória e cultura estão envolvidos diretamente no *conto* em análise, e, para evitar que percepções distorcidas

em relação ao outro, neste caso falo do transtorno causado a *Lúcio*, ocorram dentro das escolas e no processo de ensino/aprendizagem de língua portuguesa brasileira, devemos buscar novas pedagogias de humanização, quebrando a subordinação do ensino retrógrado e de visões ultrapassadas dentro do ambiente educacional. Porém, para avançar nesses contextos das pedagogias escolares, parafraseando Arroyo (2014, p. 34 e 35), as escolas tem que reconhecer os outros sujeitos envolvidos no espaço educacional, estes que vem de diversos lugares, com diversas informações, com novas leituras de vida, conhecimentos específicos, podendo ser crianças, jovens ou adultos, mas que trazem consigo uma carga identitária e cultural dos lugares de origem.

Por fim, destaca-se a importância de alavancar os conhecimentos sociolinguístico, identitários e culturais dentro das aulas de língua portuguesa brasileira e abarcado a esses conhecimentos, fazer deste lugar um ambiente propício ao acolhimento do outro, das particularidades que envolvem o modo de falar de cada aluno, construindo dessa forma um espaço mais educativo e inclusivo.

5.1. O DISCURSO EM NÓIS MUDEMO: uma análise sócio educacional

Para chegar a uma compreensão do discurso envolvido no conto de Fidêncio Bogo, antes de mais nada, vamos entender a funcionalidade da linguagem, seus contextos e suas competências na comunicação e como a relação entre linguagem e discurso estão entrelaçados. Desta forma, “a menos que uma pessoa tenha alguma deficiência que a impeça, ela vai, naturalmente, aprender a ouvir e falar, bem como a usar isso para sobreviver no ambiente social” (Carvalho & Ferrarezi Jr., 2018. p. 18). Sendo assim, de acordo com essa percepção, percebe-se que o sujeito usa a linguagem para se comunicar, principalmente através da oralidade, pois ela faz parte da essência do que nos torna sujeito social, mostra o que somos nas interações comunicacionais.

Além do mais, quando tratamos das relações sociais, do falar na sociedade, estamos automaticamente, falando de oralidade, pois é através da ação de falar que geramos discursos e esses são projetados para um meio social. Portanto,

“os usuários da linguagem utilizam ativamente os textos e a fala não só como falantes, escritores, ouvintes ou leitores, mas sim também como membros de categorias sociais, grupos, profissões, organizações, comunidades, sociedades ou culturas”. (Van Dijk, 2000. p. 22) (Tradução própria).

Nesta perspectiva, observamos que a linguagem envolve diversos fatores e setores da sociedade, tornando-a dinâmica, parte essencial para a comunicação dos membros envolvidos,

os quais podem ser crianças, jovens ou velhos, além do mais pode envolver raça ou situação social, assim como pobres, ricos, brancos, negros, estudantes, doutores, analfabetos, etc. Desta forma, devemos analisar o discurso de forma crítica, para se chegar as devidas respostas que este mesmo discurso ocasionou naquele exato momento em sua anunciação.

O discurso proferido por *Lúcio*, que veio cheio de significados envolventes, partiu dos seus conhecimentos, ainda em desenvolvimentos da norma padrão, mas que nada deixou a desejar na significação, na semântica discursiva (Fiorin, 2022), tanto que a própria professora reconheceu e entendeu seu enunciado, porém o retrucou de forma negativa. Partindo do exposto, vale ressaltar que, de acordo com Oliveira (2010, p. 109 e 110) “todo brasileiro, alfabetizado ou não, sabe português. E isso é uma afirmação óbvia porque conseguimos nos comunicar oralmente em português com todos os outros brasileiros”. Desta forma, a correção feita pela professora, no momento do enunciado do garoto, nos mostra que ela apenas privilegia seu modo de falar, descartando o falar do outro, o qual vem carregado de significação, identidade e cultura.

Prosseguindo, analisando a fala da professora: - *Não se diz “nóis mudemo” menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?*- onde neste exato momento ela corrigi *Lúcio*, percebemos então, que a falta de conhecimento no que diz respeito a comunicação e a semântica do discurso, levou o garoto a uma exposição muito constrangedora. Esta atitude, que por anos acompanha as salas de aula das escolas gramaticais, desencadeou significados preconceituosos sobre o modo comunicativo que o garoto trazia consigo, haja vista que

Quando um discurso é manifestado por um plano de expressão qualquer, temos um texto. Poder-se-ia perguntar por que diferenciar a imanência (plano do conteúdo) da manifestação (união do conteúdo com a expressão), se não existe conteúdo sem expressão e vice-versa. Essa distinção é metodológica e decorre do fato de que um mesmo conteúdo pode ser expresso por diferentes planos de expressão.(Fiorin, 2022. p. 45)

O autor declara a relação do discurso com a eminência e a manifestação, onde estão atrelado a comunicação, esta por sua vez, foi feita por *Lúcio* e entendida por todos, não havendo necessidades de correção. Entretanto, levando em consideração a função do professor de língua portuguesa e analisando sua participação na construção das identidades do seu alunado, podemos inferir que qualquer profissional da educação, em suas atribuições, deve auxiliar o desenvolvimento do indivíduo na sociedade e não levá-lo a concepções desagradáveis no ensino e no ambiente escolar.

Na prática social, os sujeitos se relacionam constantemente, isso ocorre também dentro do ambiente escolar: na entrada, nos corredores e nas salas de aulas, sempre há uma demasiada circulação de pessoas, relacionando-se constantemente umas com as outras através da linguagem, seja ela oral ou gestual, uma prática social natural dos falantes de língua portuguesa brasileira. Desta maneira,

entender o uso da linguagem como prática social implica compreendê-lo como modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é **constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença**. Nisso consiste a dialética entre discurso e sociedade: **o discurso é moldado pela estrutura social**, mas é também constitutivo de estrutura social. (Resende e Ramalho, 2025. p. 26). (grifos meus)

As autoras, Resende e Ramalho (ibidem), remontam a linguagem como prática da sociedade e que os discursos envolvidos fazem parte deste relação social, com isso podemos inferir que as relações que acontecem no ambiente educacional são também contextos sociais e indo além, são contextos sócio educacionais, uma “educação como prática da liberdade”(Freire 2024), que se não forem pensados como ações sócio pedagógicas, podem transgredir a cultura e a identidade do alunado. Vale ressaltar que cada aluno é um sujeito diferente dos demais e que “são diferentes perspectivas de mundo, associadas a diferentes relações que as pessoas estabelecem com o mundo e que depende de suas posições no mundo e das relações que estabelecem com as outras pessoas”. (Resende & Ramalho, 2025. p. 70).

Diante desse cenário, onde o discurso sempre fará parte do ambiente educacional, mudanças tendem a acontecer de forma mais rápida, porém os contatos com o sujeito/aluno não pode ser ríspido, transgressor, violar o que é pertencente a ele, principalmente quando falamos de linguagem, pois a língua é viva, sofre mudanças e desta forma “o falante se aproveita das possibilidades que a língua oferece para modificar as regras de funcionamento dela”, (Bagno, 2009. p. 44), isso pode ocorrer propositalmente ou espontaneamente, dependerá de cada um no momento da comunicação.

Diante dessa discussão, não devemos esquecer que o educador é responsável pela construção acadêmica de seu educando e que além disso, é responsável também pela continuação dele nessa jornada. Pois, na reflexão de Bogo, em suas ultimas palavras do conto *nóis mudemo*, ele destaca ironicamente o que jamais se deve fazer na educação de um sujeito e que as palavras deixam marcas irreparáveis no educar do aluno.

“Não é assim que se diz, menino!” Como se o professor quisesse dizer: “Você está errado! Os seus pais estão errados! Seus irmãos e amigos e vizinhos estão errados! A certa sou eu! Imite-me!

*Copie-me! Fale como eu! Você não seja você! Renegue suas raízes! Diminua-se !
Desfigure-se! Fique no seu lugar!
Seja uma sombra!”
E siga desarmado para o matadouro da vida...*

No entanto, além do professor, a escola deve estar sempre em constante transformação para que haja mais receptividades das diferenças e que o professor possa ser luz aos seus alunos. Contudo, não se deve ficar a esperar por milagres, deve-se começar essas mudanças por nós mesmo, a partir daí, mudar a sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esse debate, das análises feitas no conto de Bogo, a priori podemos destacar a importância de entender o processo educacional dentro das aulas de língua portuguesa brasileira nas escolas, compreender que cada sujeito é diferente do outro, cada um com suas particularidades que o envolvem com ser social. Partindo desse ponto, dar mais importância ao estudo sociolinguístico, das variações da língua, entender como as particularidades do sujeito pode dar dinâmica no processo de ensino/aprendizagem.

Posteriori, podemos entender que a identidade está atrelada a linguagem, por conseguinte, está atrelada ao sujeito social, o qual usa a língua para se comunicar nos mais diversos ambientes e que carrega consigo suas marcas que demonstram seu pertencimento a algum lugar. Além do mais, esta mesma identidade é processo contínuo, modifica a cada contato novo, não é algo permanente. O mesmo processo ocorre na linguagem, sofre alterações com o tempo, com as relações, é moldada para dar mais dinâmica na interação comunicacional.

Prosseguindo está análise, perceber como a linguagem está envolvida diretamente a cultura e ao discurso do sujeito social, leva a compreender a grande valia deste estudo, para se chegar a uma perspectiva do reconhecimento das marcas identitárias do aluno. Partindo daí, podemos ter mais informações sobre as diferenças culturais nas escolas e, principalmente, em sala de aula. Por outro lado, fugir disso só trará mais preconceito linguístico, identitário e cultural, provocando distanciamento na relação entre professores e alunos.

Contudo, faz-se necessário que o professor de língua portuguesa brasileira quebre as barreiras gramaticais e mergulhe no *rio da linguagem*. Sendo assim, redescobrir-se nas novas pedagogias de ensino, desprender-se das normas patronizadas, desenvolver um olhar para as particularidades do aluno, permitir-se a novos conhecimentos, renovar-se e retirar tudo aquilo que o impeça de ir mais além das quatro paredes da sala de aula, ajudará a transformar o

ambiente educacional, transforma a escola significativamente e engendra o sujeito social em um ensino de mais qualidade, voltado para as particularidades do alunado.

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. Freud e Lacan, Marx e Freud: **introdução crítica-histórica**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.
- ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?: um convite à pesquisa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pontos nos ii**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. 56º ed. Revista e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália- novela sociolinguística**. Edição 17. São Paulo: Contexto, 2022.
- BOGO, Fidêncio. **O quati e outros contos**. Palmas: Provisão Estação Gráfica e Editora Ltda, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Plano Nacional de Educação- PNE**. Brasília - DF: MEC/CNE, 1998.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Tradução: FERREIRA, Maria Lúcia. 1ª ed. São Paulo: Contexto. 2023.
- CANDAU, Vera Maria. (org.). **Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas**. 3ª ed. Petrópolis: RJ: Vozes, 2010.
- CARVALHO, Robson Santos de & FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na Educação Básica: o que saber, como ensinar**. 1º ed. São Paulo: Parábola, 2018.
- DA HORA, Dermeval. Qual é a relação entre as línguas e as sociedades?. In: OTHERO, Gabriel de Ávila; FLORES, Valdir do Nascimento (Org.). **O que sabemos sobre a linguagem**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2022. p. 65 a 70.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15ª ed. São Paulo: Contexto, 2022.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 57ª ed. Rio de Janeiro; Paz e Terra, 2024.
- HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. 15ª ed. Pedrópolis, RJ: Vozes, 2014. (p. 103 - 133)
- HALL, Stuart. **Cultura e Representações**. Tradução de Daniel Miranda & William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio: apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomás tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 296.

MOISÉS, M. A criação literária. 12. Ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

OLIVEIRA, Roseli de. **O gênero conto como estratégia de ensino de leitura e produção textual**. 2018. 24 f. : il. Color. <https://www.psicanaliseclinica.com/o-homem-e-um-ser-social/>. Acesso em 15/03/2025.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisa que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola, 2010.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise do discurso crítico**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2025.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução de Marcos Bagno. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2021.

VAN DIJK, Teun. A. **Estructura y función del discurso: una introducción interdisciplinaria a la lingüística del texto y a los estudios del discurso**. Madri: España, Siglo veintiuno editores, s.a, 1996.